

Felipe Melanchthon (1497-1560): pedagogo da Reforma protestante, patrimônio da educação

Claudete Beise Ulrich¹
João Klug²

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i24.30706

Resumo: Felipe Melanchthon foi um personagem fundamental da reforma protestante do século XVI, pouco conhecido no Brasil e na América Latina. Ele era um humanista, considerado "Professor da Alemanha", importante pedagogo da Reforma Protestante, um patrimônio da educação. A atuação de Melanchthon foi tão importante quanto a de Lutero. O presente artigo pretende contribuir na reflexão dos festejos dos 500 anos de Reforma Protestante, que serão celebrados em 2017. Como fontes de pesquisa, utilizou-se vários materiais bibliográficos, tais como: biografias, artigos, textos, bem como livros e textos escritos pelo próprio Melanchthon, além de visitas realizadas, em vários museus na Alemanha, especialmente na cidade de Wittenberg. Para o humanista Melanchthon a educação necessitava ser melhorada continuamente, onde a alegria e a disciplina eram, em seu entender, elementos fundantes no ensinar e no aprender.

Palavras-chave: Educação. Reforma. Melanchthon. Alemanha

Philip Melanchthon (1497-1560): educator of the Protestant Reformation, education heritage

Abstract: Philip Melanchthon was a key figure of the Protestant Reformation of the sixteenth century, little known in Brazil and Latin America. He was a humanist, considered "Teacher of Germany", an important educator of the Protestant Reformation, an education heritage. Melanchthon's performance was as important as Luther's. This article aims to contribute to the reflection of the celebrations of the 500th anniversary of the Protestant Reformation, which will be celebrated in 2017. As research sources, we used several bibliographic references such as biographies, articles, texts, as well as books

¹Doutora em Teologia pela EST - São Leopoldo/RS. Pós-doutorado júnior em história pela UFSC – Florianópolis/SC. Trabalhou como colaboradora ecumênica e coordenadora de Estudos na Alemanha de 2009 a 2015. Atualmente, é professora e na graduação e na pós-graduação na Faculdade Unida – Vitória/ES.

Email: Claudete@faculdadeunida.com.br

²Doutor em História – UFSC – Florianópolis/SC. Pós-doutorado na Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Professor efetivo de História na graduação e na pós-graduação na UFSC – Florianópolis/SC. Autor de vários livros. Colaborou na pesquisa do livro de Chico Buarque de Holanda, meu irmão alemão. Email: joaklug@yahoo.com.br

and texts written by Melanchthon himself, as well as visits to several museums in Germany, especially in the city of Wittenberg. For the humanist Melanchthon education needed to be improved continuously, where joy and discipline were, in his view, founding elements in teaching and learning.

Key-words: Education. Reform. Melanchthon. Germany.

Felipe Melanchthon (1497-1560):

pedagogo de la Reforma protestante, patrimonio de la educación

Resumen: Philip Melanchthon fue una figura clave de la Reforma Protestante del Siglo XVI, poco conocida en Brasil y América Latina. Melanchthon fue un humanista, considerado el “maestro de Alemania”, un importante educador de la Reforma que ha dejado un patrimonio en el campo de la enseñanza. Su actuación fue tan importante como la de Lutero. El objetivo de este artículo es contribuir a la reflexión sobre los Quinientos Años de la Reforma Protestante, los cuales se celebran en 2017. Como fuentes investigativas, se utiliza una bibliografía exhaustiva, tal como biografías, artículos y textos acerca del Reformador, como también libros escritos por el propio Melanchthon, además de visitas a diferentes museos en Alemania, especialmente en la ciudad de Wittenberg. Para el humanista Melanchthon, la educación necesitaba ser mejorada continuamente, manteniendo vivas la alegría y la disciplina, elementos fundamentales para la enseñanza y el aprendizaje.

Palabras-llave: Educación, Reforma. Melanchthon. Alemania

Recebido em 15/11/2015 - Aprovado em 20/12/2015

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar e refletir sobre algumas propostas e concepções de Felipe³ Melanchthon para a educação. Trata-se de um importante personagem da Reforma do século XVI, reconhecido e agraciado com o título “**Praeceptor Germaniae**” (“Mestre da Alemanha”), “*Der Lehrer Deutschlands*” (“O Professor da Alemanha”) tão importante quanto Martin Lutero. Felipe Melanchthon é um tanto desconhecido no Brasil. A sua importância fica evidente quando se visita a Igreja do Convento em Wittenberg. Pode-se ver, lado a lado próximo ao altar, as sepulturas de ambos os reformadores, de Lutero e de Melanchthon. Esta importância fica ainda mais visível quando se visita a praça do mercado na cidade de Wittenberg, onde em 1860, para lembrar os 300 anos do seu falecimento, foi erguido um monumento ao lado do monumento de Martin Lutero.⁴ Melanchthon foi um humanista de envergadura, que

³ O nome correto na língua alemã é Philipp Melanchthon. Utilizamos em nosso texto o nome em português Felipe Melanchthon.

⁴Este reconhecimento da importância de Felipe Melanchthon ao lado de Martin Lutero levou 300 anos. A sua importância para o movimento da Reforma foi reconhecida bem mais tarde. Suspeitamos que na idade média o peso estava no teológico e no religioso e não na perspectiva humanista e educacional levada adiante por Melanchthon. Assim, a história levou três séculos para reconhecer a importância deste grande pedagogo da

soube dialogar com intelectuais e com os poderes políticos e religiosos de seu tempo, deixando vasta obra que abrange várias áreas do saber, como: astrologia, gramática, retórica, geografia, física, pedagogia, filosofia, teologia. Sendo também, grande conhecedor das línguas clássicas como latim, grego e hebraico, introduziu na Alemanha e parte da Europa uma importante reforma escolar e universitária.

O presente artigo pretende também, contribuir no contexto maior dos 500 anos de Reforma, que serão celebrados em 2017, e como fontes, utilizamos vários materiais, tais como: biografias, artigos, textos diversos, bem como escritos do próprio Melanchthon e a bibliografia recente em torno deste personagem. Desta forma, nos propomos a ampliar a reflexão sobre o movimento da Reforma, apontando que o mesmo não foi obra de uma pessoa só, mas de muitos homens e de muitas mulheres, onde Felipe Melanchthon teve um papel de destaque.

De Felipe Schwarzerdt para Felipe Melanchthon: o humanista

Felipe Schwarzerdt nasceu no dia 16 de fevereiro de 1497 em Bretten, hoje Kraichgau, na Saxônia. Filho de Georg Schwarzerdt (ferreiro de armas e chefe das armas daquela cidade) e Barbara Reuter. Sua mãe era filha de Hans Reuter, comerciante e prefeito, cidadão ilustre de Bretten e de Elisabeth Reuchlin de Pforzheim, irmã de Johannes Reuchlin (1455-1522) que foi provavelmente, junto com Erasmo de Roterdã, um dos humanistas mais conhecidos ao norte dos Alpes, dando grandes aportes ao estudo do hebreu bíblico e à liberdade de investigação científica. Portanto, Felipe nasceu e cresceu num ambiente intelectual, na casa de seus avós, junto ao mercado de Bretten, com suas três irmãs e um irmão, sendo instruído desde pequeno no estudo do latim (RHEIN et al., 1998, p. 7-17).

Um dos acontecimentos mais trágicos na vida de Felipe e de sua família foi o falecimento do seu pai Georg Schwarzerdt, o qual numa campanha bélica na Saxônia acabou tomando água de um poço envenenado. Voltou doente para casa e sofreu durante 4 anos devido ao envenenamento, vindo a falecer em 27 de outubro de 1508. O seu avô materno faleceu em 17 de outubro de 1508. Estes dois acontecimentos de falecimento influenciaram muito na sua vida. As últimas palavras do pai para Felipe o acompanharam durante toda a sua vida. Segundo Hahn, 2010, p. 2: “Eu vivi muitas mudanças, mas virão outras e ainda mais difíceis. Mas eu te peço, meu filho, tema a Deus e viva uma vida decente”.

Sua mãe, Barbara Reuter, enfrentou muitas dificuldades para manter a família, razão pela qual Felipe e seu irmão mudaram-se para a aldeia de Pforzheim, residindo junto à casa da avó materna Elisabeth Reuchlin. Ali, Felipe fez rápidos e grandes progressos na aprendizagem do latim e do grego, contando com o generoso apoio em seus estudos do tio avô Johannes Reuchlin, grande humanista, que nesta época vivia em

Reforma. Com temor e tremor considerando tempos e contextos distintos, poderíamos dizer que Felipe está para o movimento da Reforma Protestantes assim como Paulo Freire está para o movimento democrático e libertador do Brasil e da América Latina. Felipe introduziu reformas muito importantes na área da educação, como também soube dialogar com movimentos religiosos que divergiam do movimento da Reforma luterana.

Stuttgart, visto que era membro do Colégio de Juízes da Liga da Suábia. Foi Reuchlin quem – como era costume nos círculos humanistas da época – que deu a forma grega para o nome de Felipe. Em 15 de março de 1509 ele recebeu de presente uma gramática grega de Reuchlin, onde pela primeira vez lia-se na dedicatória: “para Felipe Melanchthon” (BIRNSTEIN, 2010, p. 17-18). A partir de então, passou a chamar-se Felipe “Melanchthon” (*schwarze Erde*, cujo significado literal em alemão é “terra preta”). A mudança do sobrenome alemão para um sobrenome grego era uma espécie de batismo humanista e isto significava a entrada no mundo dos eruditos (RHEIN et al, 1998, p. 15).

Somente um ano de estudo nas línguas clássicas em Pforzheim e Melanchthon já foi recomendado por seu tio avô Reuchlin para ingressar na Universidade de Heidelberg, onde se hospedou na casa do teólogo Pallas Spangel. Também na universidade não teve problemas nos estudos e recebeu o título de Bacharel em artes clássicas em 10 de junho de 1511. Destacamos que já em 1510, foram publicadas suas primeiras obras – vários poemas inclusos no livro editado pelo humanista Jakob Wimpfeling (1450-1528) (RHEIN et al, 1998, p. 17). Além dos estudos, Melanchthon trabalhava como tutor dos filhos do Conde de Löwenstein.

Em 1512, mudou-se para a universidade de Tübingen e lá recebeu, em 25 de janeiro de 1514, o título acadêmico de Mestre em Artes. Neste período, estudou latim, grego, bem como filosofia aristotélica, lógica, matemática, astronomia. Com o título de mestre, começou a lecionar na mesma universidade (BIRNSTEIN, 2010, p. 23-24). Em Tübingen, cultivou um grande círculo de amigos humanistas e muitos adeptos do estudo das novas ciências que, naquele momento histórico, estavam tomando corpo. Entre estes amigos, é importante fazer menção especial a Johannes Öcolampadius, que mais tarde veio a ser um grande reformador na Suíça e Ambrosius Blarer, que prestou grandes serviços ao movimento da reforma na região de Württemberg. Juntos, este grupo de amigos leu autores gregos, estudou os últimos descobrimentos de astronomia, astrologia, bem como o livro “A Invenção da Dialética” de Rudolf Agrícola, publicada em 1515, um dos principais textos no enfrentamento da lógica escolástica (SCHEIBLE, 2013,p.21).

Neste clima estimulante e intelectual também surgiram obras do próprio Melanchthon. Reuchlin o encarregou, juntamente com um amigo, a escreverem o prefácio do livro “Epístolas de varões ilustres” (1514), no qual o humanista se defende dos ataques das chamadas “Obscurantistas”; a este seguiu uma edição das obras de Terêncio (1516) com uma introdução a história da comédia, sendo a obra filológica mais importante de Melanchthon (RUPP, 1996, p. 661).

De acordo com Rupp, 1966, p. 661, no final de 1517, por ocasião de uma celebração acadêmica em Tübingen, Felipe pronunciou um discurso sobre o tema das disciplinas que se ensinavam na universidade, no qual propôs a inclusão da história e poesia às sete disciplinas originais das artes liberais, que constavam do *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia). O estudo na faculdade de artes preparava os estudantes para as três faculdades superiores, as quais eram: medicina, direito e teologia.

Felipe Melanchthon na Universidade de Wittenberg: seu trabalho e sua influência na reforma acadêmica

A Universidade de Wittenberg foi criada em 1502 pelo Príncipe Eleitor da Saxônia Frederico III, o Sábio, a qual foi reconhecida pelo papa somente em 1508, pois a fundação de uma Universidade também necessitava da autorização do papa... A universidade tinha 3 faculdades principais: direito, medicina e teologia. A criação de uma universidade também demonstrava o poder do Príncipe daquele reino, lembrando que a Alemanha, vinculada, na época, ao Sacro Império Romano-Germânico, estava dividida em diversos reinos, os quais rivalizavam entre si (SCHEIBLE, 2013, p. 28-30).

Como parte da reforma humanista, Frederico, o Sábio, criou a cátedra de grego e Felipe Melanchthon foi recomendado por seu tio avô Johannes Reuchlin, para assumir a mesma. É interessante observar que num primeiro momento, muitos não estavam de acordo com a eleição de Felipe para a cátedra de grego, inclusive Lutero, pois o consideravam muito jovem e sem experiência. Ele tinha então somente 21 anos (HAHN, 2010, p. 5). Segundo Scheible, 2013, p. 32, o professor Melanchthon além de assumir a cátedra de grego, assumiu também a cátedra de hebraico.

Rhein, 2010, p. 10 aponta que Melanchthon em sua aula inaugural na universidade de Wittenberg, realizada no dia 28 de agosto de 1518, voltou ao tema da educação. A sua aula versou sobre: *De corrigendis adolescentiae studiis* (“Melhoria da educação para os jovens”). A questão mais importante para ele era um retorno às fontes e acreditava que o estudo das línguas clássicas constituía o melhor método para alcançar este objetivo. Melanchthon como bom humanista, defendeu energicamente o estudo das línguas clássicas (hebraico e grego) como um meio de derrubar o latim medieval degenerado que se falava naquela época. Felipe inalizou para a importância do estudo da história, das ciências naturais e das matemáticas (RUPP, 1996, p. 661). De acordo com Scheible:

O programa reformador de Melanchthon não procura eliminar as disciplinas tradicionais; o que ele quer é conduzir os estudantes através do nevoeiro de informações secundárias para aquilo que interessa, tal como é apresentado nas fontes; assim se transmitem as bases para a teologia e o direito. (...) A totalidade das ciências naturais é transmitida por autores gregos. Para as ciências humanas, as melhores obras são as éticas de Aristóteles, os *Nómoi* de Platão e os poetas latinos Virgílio e Horácio. Imprescindível também é a história. Ela apresenta os exemplos para a conduta humana nas vidas privada e pública, para a jurisprudência e a política. SCHEIBLE, 2013, p. 31-32).

Rupp, 1996, p. 663, acentua que a chamada de Melanchthon para a universidade de Wittenberg foi o acontecimento que mudou definitivamente o curso de sua vida. Foi ali que ele entrou em contato direto com o movimento da reforma e com o seu principal

líder Martim Lutero, monge agostiniano e professor de Bíblia. A publicação das 95 teses em 1517 havia feito de Lutero uma pessoa conhecida em toda Alemanha. Apesar do estranhamento inicial de Lutero em relação a eleição de Melanchthon como professor, no entanto, logo nasceu entre os dois uma amizade profunda e um grande espírito de colaboração (SCHEIBLE, 2013, p. 34-35 e BIRNSTEIN, 2010, p. 30-38).

Melanchthon e Lutero eram dois homens bastante diferentes. Além da diferença da idade, pois Lutero era 14 anos mais velho, também era intransigente, brusco, enquanto Melanchthon era uma pessoa mais refinada, cuja vida toda estava dedicada ao estudo, sempre procurando um acordo através do diálogo com seus oponentes. Lutero ao contrário estava sempre disposto ao embate, uma pessoa atormentada com seus próprios problemas existenciais (RHEIN et al., 1998, p. 23-26 e RUPP, 1996, p. 662).

Em 1521, Melanchthon publicou, em latim, *Loci communes rerum theologicarum seu hypotyposes theologicae* (Princípios básicos de teologia ou hipóteses teológicas), sendo a primeira obra sistemática da teologia luterana. O historiador Jung, 2010, p. 23 pontua que o título *Loci* (tratado) se contrapõe a *Summen* (mais alto grau, completo), método este que era muito apreciado na idade média. Os *Loci* não eram tratados fechados, mas abertos. O genial desta obra, segundo Kuroпка, 2010, p.64-67, é o fato de ter sido modificada/retrabalhada por Melanchthon, muitas vezes, por exemplo, 1535, 1545 e 1559. A autora afirma que a obra de Felipe os *Loci* eram como a a Wikipédia, uma obra aberta, que foi acrescida de novas informações (KUROPKA, 2010, p. 64). Lutero, numa conversa à mesa, de acordo com Stupperich, 1996, p. 83 disse que quem desejava ser teólogo precisava ler, primeiramente a Bíblia e depois os *Loci* de Melanchthon.

Neste texto, Felipe reconhece que somente dois sacramentos são bíblicos, instituídos por Jesus: o Batismo e a Ceia. O movimento da Reforma trouxe muitas mudanças na vida comunitária eclesial e uma de fundamental importância foi a celebração do culto dominical. Assim, no dia 29 de setembro de 1521, de acordo com Birnstein, 2010, p. 43, Melanchthon participou juntamente com um pequeno grupo de pessoas, dentre os quais alguns estudantes, pela primeira vez, da celebração da ceia conforme o rito descrito nos evangelhos, com pão e vinho. Na missa de Natal de 1521, na Igreja do Castelo em Wittenberg, Karlstadt foi o celebrante e pela primeira vez celebrou-se abertamente a Ceia do Senhor, com pão e vinho (SCHWAB, 1997. p. 60 e SCHWEIBLE, 2013, p. 70-71).

Lutero escreveu muitos e diferentes textos/cartas de acordo com as necessidades do momento histórico da Reforma. Os *Loci communes* de Melanchthon são a primeira sistematização de uma teologia protestante/luterana que estava se gestando naquele momento. Além do mais, ele criou um novo gênero literário científico (*Loci* – tratado) que teve muitos imitadores (SCHEIBLE, 2013, p. 33). Esta obra mostra a força do movimento reformatório. Vários estudiosos e intelectuais refletiam o novo momento que estava sendo gestado. O movimento da Reforma, portanto, não foi obra somente de uma pessoa, mas de vários intelectuais (homens e mulheres⁵) da época, influenciados pelo

⁵ Recentes pesquisas apontam para a participação efetiva de muitas mulheres no movimento da reforma protestante, por exemplo, Argula von Grumbach, Elisabeth Cruciger, Katharina von Bora.

humanismo e renascimento, as novas invenções, entre estas, a invenção da imprensa, bem como, a importância do apoio de muitos príncipes que também desejavam se libertar do poder de Roma.

É interessante observar que a obra *Loci communes*, foi publicada no mesmo ano que se realizou a dieta de Worms/Alemanha, entre os dias 28 de janeiro a 25 de maio de 1521. Nos dias 16 a 18 de abril de 1521, Lutero foi chamado para a reunião na cidade de Worms, para que se retratasse em relação às suas teses. No entanto, Lutero permaneceu firme em suas declarações, pedindo a reforma da Igreja Católica. O resultado foi que em 25 de maio de 1521 o imperador redigiu o Édito de Worms, declarando Lutero herege, condenando também as suas obras (BIRNSTEIN, 2010, 42-43).

Após a condenação como herege, Lutero ficou refugiado no castelo de Wartburg em Eisenach, até março de 1522, sob a proteção do príncipe Eleitor Frederico III. Neste período, a partir do incentivo de Melanchthon, Lutero traduziu o Novo Testamento do grego para o alemão. Já existiam outras traduções, mas a novidade nesta tradução está no fato de Lutero traduzir a partir do grego, língua original, enquanto outras traduções foram realizadas a partir da Bíblia latina. É importante fazer menção que provavelmente, sem os profundos conhecimentos linguísticos de Melanchthon, especialmente em grego, e o aprofundamento de Lutero nas línguas antigas não teria sido possível a tradução da Bíblia: o Novo Testamento (1522) e o Antigo Testamento (1534). A tradução da Bíblia para a língua alemã foi uma obra conjunta de conhecimentos linguísticos e de conhecimentos teológicos. Importante mencionar que Melanchthon foi aluno de Bíblia de Lutero e Lutero foi aluno de grego de Melanchthon. Portanto, na tradução do Novo Testamento houve uma cooperação mútua de ambos (RHEIN et al, 1998, p. 26-30. JUNG, 2010, p. 21. SCHEIBLE, 2013, p. 152-154). Na tradução do Antigo Testamento houve uma cooperação de mais professores e estudiosos da Universidade de Wittenberg (EBELING, 1988, p. 40-41. BIRNSTEIN, 2010, p. 45).

Melanchthon assistiu aulas de Lutero na faculdade de Filosofia e em setembro de 1529 obteve o título de Bacharel em Bíblia (*Baccalaureus biblicus*). Desta forma estava, também, capacitado a lecionar sobre a Bíblia. Esta era uma prática da época, um *Magister* da Faculdade de Artes continuar os estudos numa das faculdades, consideradas superiores (SCHEIBLE, 2013, p. 33). Neste contexto, Felipe aprofundou os seus conhecimentos bíblicos e teológicos para melhor entender as ideias e ensinamentos de Lutero, sendo que sua capacidade teológica também foi reconhecida pelo reformador. Em contrapartida, Lutero aprofundou os seus conhecimentos nas línguas antigas, especialmente grego e hebraico (RHEIN Org., 1998. p. 21).

Melanchthon preparou também outro documento muito importante para o movimento da reforma que foi a Confissão de Augsburgo (em latim *Confessio Augustana*), conhecida de forma abreviada por CA (LIVRO DE CONCÓRDIA, 1980, p. 25-93). Esta declaração mostra que os luteranos, não queriam ser vistos como os outros oponentes religiosos a Roma. Por isto, a CA apresenta as diferenças, mas também as semelhanças com a Igreja Católica. O documento foi apresentado ao imperador no dia 25 de junho de 1530 e estava assinado por sete príncipes e pelos representantes de duas cidades livres. A

CA adquiriu imediatamente a importância peculiar de uma declaração pública de fé (BIRNSTEIN, 2010, p. 82-88. RHEIN et al., 1998. p. 38-43. SCHEIBLÉ, 2013, p. 111-122). No entanto, dois dias após a apresentação da Confissão de Augsburg, os representantes católicos resolveram preparar uma refutação à declaração luterana, a *Confutatio Pontificia* (Confutação) que foi lida na Dieta em 3 de agosto. O Imperador exigiu que os luteranos admitissem que sua Confissão havia sido refutada. A reação luterana surgiu na forma da *Apologia da Confissão de Augsburg*, que estava pronta para ser apresentada no dia 22 de setembro, mas foi rejeitada pelo Imperador (LIVRO DE CONCÓRDIA, 1980, p. 97-303).

A Apologia da Confissão de Augsburg, no entanto, foi publicada por Melanchthon no fim de maio de 1531, tornando-se confissão de fé oficial do luteranismo, juntamente com a Confissão de Augsburg. Importante apontar para o fato de que, os sete príncipes que assinaram a confissão, estavam, com este ato, apoiando a Confissão de Augsburg de forma que a mesma foi assumida como documento real (BIRNSTEIN, 2010, p. 82-88). Com isso, a Confissão ganha autoridade para não ser questionada dentro daquela região compreendida pelos príncipes que assumiram a Confissão de Augsburg, mesmo sendo contra os princípios católicos romanos. Houve, portanto, principados que aderiram ao movimento protestante e outros não. Como já mencionamos, a Alemanha, neste período era dividida em vários principados e reinos que conflitavam entre si. O movimento da reforma não foi um movimento pacífico, visto que havia muitos interesses em jogo, também econômicos.

A amizade de Melanchthon com Lutero também lhe trouxe consequências pessoais. O tio avô de Felipe, tentando proteger o seu sobrinho dos enfrentamentos com Roma, buscou transferi-lo para a Universidade em Ingolstadt, mas este não aceitou a interferência, o que produziu uma ruptura na relação de Melanchthon com seu famoso parente (BIRNSTEIN, 2010, p. 62). A amizade entre Lutero e Melanchthon durou por mais de trinta anos, até a morte de Lutero em 1546. Melanchthon também foi reconhecido como sucessor de Lutero. Mesmo sendo bastante diferente, Melanchthon colaborou no diálogo com outros movimentos religiosos da reforma protestante (Calvino e Zwinglio, por exemplo) e na separação progressiva de Roma. Ajudou, também, de forma definitiva a organizar a nova igreja no desenvolvimento de suas estruturas institucionais e organizacionais (BIRNSTEIN, 2010, p. 100-106).

Além do seu grande conhecimento filosófico e teológico, Melanchthon tinha outras habilidades muito importantes e uma destas foi a sua reflexão em torno da pedagogia e da educação. Portanto, ele teve também uma grande influência na melhoria do sistema educacional na Alemanha, especialmente na melhoria das escolas latinas, na criação das escolas secundárias/ginásios e na reforma das universidades. Antes de apontarmos para as contribuições para a educação, lembramos que Felipe Melanchthon também foi casado e pai de dois filhos e duas filhas.

A casa de Felipe Melanchthon e Katharina Krapp: escola doméstica

Quando se visita a cidade de Wittenberg, ainda hoje é possível visitar a casa de Felipe Melanchthon e Catharina Krapp, chamada Melanchthonhaus (museu que retrata a vida familiar de Felipe e Catharina). Esta casa começou a ser construída em 1536 e levou um ano e meio até a conclusão. Segundo Rhein et al., 1998, p. 31, até 1536 a família residia numa casa muito pequena e simples (“Bude”). A família veio morar nesta casa no ano de 1537, uma casa com onze quartos e com um bonito jardim com ervas medicinais (“schönen Kräutergarten”).

O grande professor de Wittenberg recebia pouco dinheiro. Martim Lutero numa conversa a mesa fez menção ao caso: “Ele precisa morar numa pobre casa” (RHEIN, 1995 p. 43). O príncipe eleitor João Frederico de Sachsen levando em conta a importância de Melanchthon para a universidade e para a cidade, disponibilizou o dinheiro para a construção da casa para a família. É provável, que o príncipe eleitor, desta forma, construindo a casa, quisesse garantir a permanência de Melanchthon em Wittenberg (RHEIN et al., 1998, p. 31-33).

Quando o casal Melanchthon foi residir nesta casa, já estavam casados há dezessete anos, sendo que Catharina Krapp era filha do prefeito da cidade de Wittenberg. O casal teve quatro crianças: Anna (24.08.1522), Philipp (21.02.1525), Georg (1526) e Magdalena (19.7.1531). Neste período histórico, muitas crianças morriam e também na casa de Melanchthon o terceiro filho Georg faleceu com três anos. A filha Anna casou com 14 anos com Georg Sabinus, um aluno de Melanchthon, que tinha o dobro da idade dela. Este foi um casamento muito infeliz, visto que Anna faleceu com 24 anos como mãe de seis crianças. Este acontecimento trágico trouxe muito sofrimento para Melanchthon, pois ele tinha arranjado este casamento e assim sentia-se culpado pela infelicidade da filha (RHEIN et al., 1998, p. 32-32). Segundo, Duby e Perrot, 1990, p. 362-363, somente os homens escolhiam os cônjuges para filhos e filhas. Outro filho que trouxe problemas para a família foi o filho Philipp. Com 18 anos noivou com a jovem Margaretha Kuffner de Leipzig. Este noivado não foi um acontecimento público com testemunhas, o que era algo inaceitável. Os pais foram contra o casamento e o casamento de Philipp e Maragaretha não se concretizou, o que nos permite afirmar, como já mencionamos, que os casamentos eram muitas vezes um arranjo familiar (RHEIN, 1995, p. 44-50).

Na casa da família Melanchthon não residia somente a família. Famulus Johannes Koch, segundo Rhein, 1995, p. 50, residiu também ali com sua família, servindo os Melanchthon durante 34 anos até a sua morte em 1553. Famulus foi um dos vários estudantes que morou na casa do professor Melanchthon. Desde a sua chegada em Wittenberg, Felipe esforçou-se para que também seus colegas professores assumissem estudantes em suas casas. Ele mesmo fez o início, criando uma *schola domestica* (escola doméstica). Os estudantes moravam junto com o mestre e, logicamente, junto com a família. Escreveu para seus alunos hóspedes, livros para a vida diária, poesias, e orações diárias (manhã, meio-dia e noite). O dia tinha uma moldura litúrgica: pela manhã uma criança acordava as outras com uma poesia e exortava os colegas para não esquecerem o

louvar a Deus. A refeição em conjunto a mesa era emoldurada por oração e bênção de ação de graças e o dia se encerrava com uma poesia e uma oração (BIRSTEIN, 2010, p. 68). Durante o dia Melanchthon lecionava latim e grego e as conversas eram em latim, pois latim era a língua da academia da época... Segundo Jung, 1998, p.126-130, as orações também eram escritas conforme a regra métrica. Elas eram verdadeiras poesias... Ainda segundo Birnstein, 2010, p. 68-69 e Jung, 1998, p. 126-130, a ligação entre a arte de falar e entender as línguas antigas e a piedade pessoal, os pensamentos dos Antigos e as orações cristãs davam à escola privada de Melanchthon um caráter de modelo de uma escola humanístico-reformatória.

Os estudantes vinham de diferentes países. A casa de Melanchthon e Katharina era um local de encontro internacional, onde circulavam os mais diferentes conhecimentos. Ao mesmo tempo, era um espaço ecumênico, pois os estudantes também vinham de variadas tradições religiosas e diferentes lugares. A mesa era o lugar de encontro, onde se ouvia latim, grego, hebraico, húngaro e, inclusive, turco e árabe (BIRNSTEIN, 2010, p. 68-69). Esta experiência de aprendizagem pedagógica, que o professor Melanchthon vivenciou em sua própria casa, também influenciou as suas ideias e práticas educativas, bem como a sua participação ativa na reforma da educação de seu tempo.

Segundo Rhein, 1995, p. 37, infelizmente nada sabemos da família Melanchthon a partir de cartas ou escritos de sua esposa Katharina Krapp. Não há nenhum registro ou sequer retrato da esposa deste grande reformador. Inclusive nem sepultados juntos foram, assim como Lutero e Catarina também não. Melanchthon e Lutero encontram-se sepultados na *igreja do* castelo em Wittenberg. Não conseguimos localizar uma informação de onde Catarina Krapp foi sepultada, enquanto que se sabe que Catarina von Bora está sepultada em Torgau. As informações sobre a família de Melanchthon são oriundas de anotações de escritos e documentos do próprio Melanchthon ou das anotações das conversas a mesa com seus alunos. Segundo Rhein, 1995, p. 54, a única citação que temos dela é uma carta onde ela assinou junto como esposa do mestre Melanchthon: “Catharina magistri Philippi Melanchthonis Eheleich weib” (Catarina, mulher esposa do mestre Felipe Melanchthon). As mulheres, infelizmente, foram em geral, invisibilizadas e a suas histórias silenciadas.

Contribuições para a educação

Melanchthon buscou concretizar a sua busca por mudanças no processo educativo em sua própria casa. Como pai, sofreu com erros e acertos na educação com seus próprios filhos. Neste processo de ser e fazer, destacamos algumas contribuições deste reformador para a educação e para a pedagogia, especialmente no ensino universitário e na criação de uma escola secundária. Segundo Scheible:

O humanismo renascentista é instrumento da Reforma. (...) A renovação linguística pelo humanismo teria sido intencionada por Deus como preparação para a Reforma.

(...) portanto quem realmente se importa com a espiritualidade precisa aprender a falar direito.

Este discurso programático foi acompanhado de uma medida reformadora, da qual a Saxônia Eleitora se orgulhava muito: a complementação do tradicional sistema de debates (*Disputationen*) por meio de exercícios retóricos. (...) Melanchthon percebeu que era necessário aperfeiçoar a capacidade de expressão dos estudantes. Com gramática latina e vocabulário suficiente, eles já vinham equipados das escolas de latim. Mas a capacidade de pensar com clareza e exprimir ideias eles ainda precisavam aprender. (SCHEIBLE, 2013, p. 37)

De acordo com Rupp, 2011, p. 664, para o professor Felipe Melanchthon, devido a sua formação e base humanística, todo trabalho de educação precisa estar baseado numa clara concepção antropológica. Sem está clara noção da origem, causa e finalidade do ser humano não é possível desenvolver uma ação pedagógica proveitosa. Melanchthon estava apegado a um certo otimismo antropológico, enraizado na crença de que o ser humano, se é educado e formado adequadamente nos valores humanos, é por si só capaz de melhorar a situação do mundo. Esta concepção de ser humano, entrou, segundo Rupp, 1996, p. 665, em confronto com o movimento dos *entusiastas*, pois estes rechaçavam todo o saber e também o batismo de crianças. Melanchthon defendia o batismo de crianças, pois a partir de sua concepção antropológica, ele entendia que também elas iriam se desenvolver na fé. Na língua alemã aparece muitas vezes o termo *schwärmer*, que lembra um enxame de abelhas que voa confusamente em torno da colméia (comunidade), desejando somente colher o mel. Para os grupos entusiastas a educação não era importante. Tudo era fruto da inspiração do Espírito (BIRNSTEIN, 2010, 88-90).

Melanchthon valorizou, também, o conhecimento científico, mesmo que ele cresse que o saber nunca deveria se converter num fim em si mesmo, mas que teria que permanecer sempre à serviço da teologia e do conhecimento de Deus. Segundo Rieth, para Melanchthon a educação abrange:

(...) em primeiro lugar, todas as medidas tomadas para moldar o comportamento exterior das crianças, adolescentes e jovens. Trata-se da *disciplina externa*. Essas medidas são: orientação, elogio, premiação, punição, treinamento, etc... (...) Em segundo lugar, a educação abrange a instrução, o ensino (*doctrina*). A compreensão das coisas traz conteúdos valiosos para a formação e valores e posturas. A intervenção de quem é pedagogicamente responsável sobre crianças, jovens e adolescentes se dá

mediante o ensino. Especialmente as letras (*litterae*) têm importância para transmitir conteúdos formativos. (RIETH; 1997, p. 38).

Neste sentido, pode-se entender a preocupação de Melanchthon com a criação de uma escola doméstica. O processo educativo tem a ver com a vivência, o acompanhamento e o planejamento diário, moldado por valores morais e cristãos. A tutoria era muito valorizada por Melanchthon. Os estudantes chegavam muito jovens em Wittenberg. Desta forma, aqueles estudantes recebiam um acompanhamento mais intenso. Melanchthon, que tivera o privilégio ter um acompanhamento tutorial em Heidelberg, fez desta experiência pessoal parte da sua tarefa pedagógica, mantendo a escola doméstica, mesmo quando já não precisasse mais deste recurso financeiro como professor na Universidade. Manteve amizade com seus alunos particulares durante toda a vida, os quais foram bem-sucedidos na vida profissional (SCHEIBLE 2013, p. 38). Também não se pode esquecer que esta forma de educação era um privilégio dos meninos. As meninas, quando tinham acesso à educação, a recebiam nas escolas domésticas ou nos conventos, que naquele período começam a desaparecer.

Reforma Universitária

No período que Melanchthon exerceu o cargo de reitor na Universidade de Wittenberg, que segundo Scheible, 2013, p. 38, foi no inverno de 1523 a 1524, ele aproveitou a sua gestão para ancorar a Universidade num novo regulamento de estudos, o qual estava voltado para as duas preocupações centrais de sua pedagogia:

1. O desenvolvimento das habilidades linguísticas por meio de declamações e a implementação de um currículo estruturado de modo a ajustar-se às necessidades individuais dos alunos mediante controle por instrutores. Segundo esse regulamento, cada estudante precisa comparecer pessoalmente perante o reitor, o qual então o encaminha a um dos dois “pedagogos” do colégio, que elabora seu plano de estudos pessoal. No regulamento de Melanchthon consta que nada é pior do que aprender sem planejamento. O pedagogo decide quais preleções serão assistidas e como o estudante deve treinar seu estilo e sua linguagem.
2. Na segunda parte, o regulamento universitário de Melanchthon trata da conduta geral dos estudantes. Quem for piedoso e correto não precisa de leis. A espiritualidade (*pietas*) aprende-se na Bíblia, já a *humanitas* e a *civilitas* (civildade), com os antigos oradores e poetas (...). Portanto os estudantes devem andar decentes,

vestir-se com dignidade e cumprimentar seus superiores. As proibições são: forçar portas, devastar jardins, prostituição, bebedeira, panfletos difamatórios, berreiros e tumultos na rua. Tudo isso está proibido no direito imperial (romano). Mas como a universidade é um organismo com jurisdição própria, a ameaça de punição parte diretamente do reitor. Além disso, o príncipe-eleitor proíbe todo e qualquer porte de armas (SCHEIBLE, 2013, p. 38-39).

No regulamento universitário proposto por Melanchthon percebe-se uma preocupação com o processo educativo individual de cada aluno. A tutoria é vista como um auxílio pedagógico no planejamento dos estudos. No regulamento de estudos, promulgado em 10 de janeiro de 1526 pela Faculdade de Filosofia fica claro, segundo Scheible 2013, p. 39: “os principiantes eram proibidos de frequentar preleções gerais antes de comprovar que dominavam com perfeição a língua latina escrita e oral, além dos fundamentos da matemática. A formação gramatical realizava-se sob orientação de um instrutor pessoal com base na leitura de Terêncio, cartas de Cícero e Virgílio”. A aprendizagem correta da língua latina (ouvir, ler, falar, entender e escrever) era base para o processo de aprendizagem e para o avanço nos estudos. O latim era a língua de uso diário na universidade e o estudo da língua grega era também recomendado, sendo esta a grande paixão de Melanchthon. No entanto, para o estudo da teologia, o grego, juntamente com o hebraico, eram obrigatórios. Rieth lembra:

Para ele, todas as pessoas deveriam aprender grego, uma língua sagrada. Graças à providência divina, o evangelho foi anunciado primeiramente em língua grega. Por suas muitas vantagens, a língua grega honra de maneira especial o evangelho (...). Os textos gregos civilizam e humanizam não só pelo conteúdo, mas também pela forma como soam. (RIETH, 1997, p. 40).

Portanto, o desenvolvimento das habilidades linguísticas era de fundamental importância. Melanchthon entendia que os textos gregos civilizavam e humanizavam. Neste sentido, debates e declamações foram métodos adotados para melhorar as habilidades linguísticas na elaboração e a argumentação das próprias ideias dos estudantes.

Parte integrante da educação humanista, proposta por Melanchthon, é a conduta moral e ética. Importante lembrar aqui a utilização das fábulas, inspiradas em Esopo, como método de ensino para tratar de práticas humanas. Ele também escreveu um texto sobre o uso das roupas (*Oratio contra affectationem novitatis in vestitu* - Rede gegen die

Modesucht in der Kleidung - Discurso contra a afeição às novidades em relação às vestimentas), de 1527 (SCHWAB, 1997, p. 131-144).

No entanto o mais importante para o agir ético é o estudo e entendimento do Evangelho. Na sua concepção deve haver estreita relação entre educação moral e educação religiosa cristã. É possível perceber em seus escritos, muitos comentários a vários livros bíblicos, os quais deviam servir de base para exercícios linguísticos. Os textos literários e filosóficos incluíam muitas vezes a dimensão religiosa. A importância da educação religiosa se mostra na sua preocupação, como refletimos anteriormente, com os alunos que residiam em sua casa, onde a vivência da espiritualidade era colocada como uma aliada fundamental para uma vida moralmente disciplinada.

O regulamento de estudos promulgado por Melanchthon, como podemos observar, previa um plano de estudos individualizado para cada novo estudante. É provável que isto nem sempre aconteceu. No entanto, de acordo com Scheible:

A dedicação de um estudante como, por exemplo, o jovem duque João Frederico da Pomerânia ao longo da semana deve ser a seguinte: de manhã, um capítulo do Antigo Testamento, um salmo e oração; à noite, um capítulo do Novo Testamento, um salmo e oração. Segundas e terças, uma hora de cartas de Cícero, Virgílio ou Lívio, seguido de exercício de gramática e sintaxe dos textos anteriormente explicados. Após o almoço, exercícios físicos e música; depois repetição da gramática e interpretação de Cícero sobre *De officiis* ou *De amicitia* ou de algum historiador, no caso, Commines de Salústio sobre Carlos, o Audaz, ou César. Na quarta-feira, catecismo e exercícios estilísticos, em que se incluem também as regras de versificação para poder avaliar melhor a prosa. Quintas e sextas de manhã, uma hora de dialética; à tarde, uma hora de retórica. Aos sábados, teologia: Paulo ou Provérbios de Salomão e um salmo. Em feriados, historiadores, sendo que o *Chronicon* deve ser repetido várias vezes (trata-se da obra de Carion e Melanchthon). (SCHEIBLE, 2013, p. 50).

Ainda segundo Scheible, 2013, p. 50, em 1529 elaborou um plano de estudos detalhado para um estudante de teologia em estágio mais avançado, onde coloca que a premissa básica é estar familiarizado com o texto bíblico, anotando frases centrais, colocando-as em ordem sistemática. Um modelo para este exercício seria o seu escrito, *Loci communes* do próprio Melanchthon. “Nas passagens obscuras deve-se recorrer aos comentários”. Também os pais da Igreja devem ser estudados com senso crítico. Os antigos cânones devem ser conhecidos por motivos históricos sempre observando os aspectos referentes a vida religiosa e à situação política. É possível perceber no plano de

Melanchthon uma grande abertura também para outras disciplinas. Ele aponta que para treinar o estilo, podem ser utilizados temas polêmicos da teologia, como a refutação das doutrinas dos anabatistas e naturalmente a leitura dos clássicos latinos e gregos, inclusive juristas e filósofos. A gramática, a retórica e a dialética nunca devem ser separadas. “Teólogos também devem estudar filosofia, porém distingui-la muito bem da teologia” (SCHEIBLE, 2013, p. 51).

Considerando que o latim era a língua oficial do Império Romano, e muito difundida, especialmente na Europa, passou a ser, também, língua oficial da Igreja, bem como dos acadêmicos e filósofos europeus medievais. Para o professor, objetivo importante na formação era a clareza na pronúncia, juntamente com a caligrafia e para isto, incitava os seus alunos a copiar os textos e lembrava os seus estudantes que Demóstenes; ele próprio, copiou três vezes a Carta de Paulo aos Romanos. Scheible, 2013, p. 50, lembra que o tio Reuchlin teria dito a Melanchthon que, antes da invenção da imprensa, as pessoas teriam sido mais eruditas, por que em todas as disciplinas precisavam copiar de próprio punho os textos mais importantes.

O professor Melanchthon também criticou o sistema de matérias das sete artes liberais clássicas e as ciências estudadas nas faculdades por seus métodos e conteúdo. Em sua opinião, não conseguiam incorporar as novas descobertas e avanços que se verificavam na época. Diante desta constatação, ampliou a categorização tradicional da ciência em várias direções, incorporando em seu sistema disciplinas tais como: história, geografia, poesia e também as ciências naturais. Desta forma, Melanchthon escreveu excelentes manuais para quase todas as disciplinas do seu tempo, desde as clássicas “sete artes liberais” até psicologia (*Commentarius de anima* – Comentários sobre a Vida, 1540) e a ética (*Ethicae doctrinae elementa* - Princípios elementares de ética, 1550) (SCHEIBLE, 2013, p. 94-104). Muitos destes livros também foram usados no século seguinte, exercendo uma notável influência no saber. Segundo Scheible, 2013, p. 94, Melanchthon teria dito: “Para mim, nunca fiz teologia por outro motivo não fosse o de melhorar a vida”. Portanto, está muito claro que o estudo das diferentes ciências para Melanchthon tinham como base a perspectiva de uma melhora do mundo de seu tempo. Importante considerar que nesta perspectiva, entendemos, que a falta de entendimento com os *entusiastas* e, conseqüentemente, a falta de apoio à guerra dos camponeses são temas que merecem um aprofundamento em uma outra pesquisa. Um texto escrito por Melanchthon “Die Geschichte Thomas Müntzers, des Anstifters der Thüringer Unruhen, sehr nützlich zu lesen” (A História de Thomas Müntzer, iniciante da agitação na Turíngia, muito proveitoso) para leitura poderia servir de subsídio para estudos futuros (SCHWAB, 1997, p. 89-104).

Reforma escolar

Um outro aspecto importante da influência de Melanchthon se dá na área da política educativa e escolar, especialmente, no que diz respeito ao estudo secundário das escolas de latim. Também nestas escolas ele empenhou-se por uma boa didática. Podemos dizer que Melanchthon foi o “inventor” da escola secundária, visando uma

maior preparação para o estudo universitário. No texto *Instrução para os visitantes* (1528) com prefácio de Martim Lutero (LUTERO, 2000, p. 306-311), ele menciona o princípio da estruturação que introduziu nas escolas de latim, convertendo-as assim num modelo para várias gerações. Ele formatou o estudo nas escolas de latim em três classes:

primeira classe: Inicialmente as crianças deviam aprender a ler (escrito pelo próprio Melanchthon *Enchiridion elementorum puerilium* (Manual elementar para crianças escrito pelo próprio Melanchthon em 1523) (BIRNSTEIN, 2010, p. 68-69)⁶, no qual constam o alfabeto, o Pai Nosso o Credo e outras orações. Depois de dominarem este Manual Elementar, devia-se ensinar-lhe Donato, para ser lido e Catão para ser analisado. As crianças deviam se exercitar até que soubessem ler fluentemente, conhecendo o maior número possível de palavras latinas, adquirindo um vocabulário para se expressarem. Além da leitura, era de fundamental importância que aprendessem a ler e que mostrassem a lição diariamente ao professor. Para enriquecerem seu vocabulário latino, deviam memorizar vocábulos. Os alunos da primeira classe também devem aprender música e canto (SCHEIBLE, 2013, p. 43).

segunda classe: Os alunos que sabiam ler passavam para a segunda classe e precisavam, na seqüência, aprender a gramática. No entanto, diariamente, na primeira hora da tarde, todos os alunos, pequenos e grandes deviam exercitar-se na música. As crianças tinham contato com as fábulas de Esopo, pedagogia de Mosellano, trechos de colóquios de Erasmo, os quais deveriam ser proveitosos e edificantes para os alunos. Na segunda classe recebiam frases que deviam recitar no dia seguinte. Após terem adquirido o domínio da gramática os alunos deviam, então, construir frases. O foco da segunda classe era o estudo e o conhecimento em profundidade da gramática grega. As regras gramaticais deviam ser recitadas de memória pelos alunos. Além disso, o professor também deveria explicar o Pai nosso, o Credo e os Dez Mandamentos, inculcando nos alunos as partes necessárias para uma vida decente, como temor a Deus, fé, boas obras. Memorizar alguns Salmos que contenham um resumo da vida cristã também fazia parte do currículo. Para Melanchthon era importante que as crianças conhecessem poucos autores, mas com profundidade, não sendo recomendado para a juventude, uma sobrecarga de livros de difícil compreensão (BIRNSTEIN, 2010, p. 69-70).

terceira classe: Depois de bem exercitados, os alunos que demonstrassem domínio da gramática, eram separados e com estes, forma-se a terceira classe. Também com este grupo devia-se exercitar a música, juntamente com os demais. Nesta fase, eram estudados Virgílio e Ovídio. Para exercitar a gramática exigia-se a construção de frases, declinações e a análise das figuras retóricas especiais. Após o domínio da etimologia e da

⁶É provável que este Catecismo de Melanchthon foi mais tarde substituído pelo Catecismo escrito por Lutero. Veja em relação a isto: JUNG, Martin H. *Frömmigkeit und Theologie bei Philipp Melanchthon: Das Gebet im Leben und in der Lehre des Reformators* (Beitrag zur Historischen Theologie) Tübingen: Mohr Siebeck, 1. Auflage, 1998 p.126.

sintaxe, estudava-se com os alunos a métrica, para que aprendessem a compor versos. Melanchthon valorizava este exercício, pois entendia que o mesmo era profícuo para entender outros textos, enriquecendo o vocabulário das crianças. Quando estas estivessem bem exercitadas na gramática, devia-se, então, partir para a dialética e a retórica. Da segunda e terceira classe, seria exigido todas as semanas um exercício escrito, uma carta ou um poema. Dos rapazes, que falassem latim e os próprios professores, na medida do possível, deviam falar somente latim com os meninos, estimulando-os nesta prática. Também a música é destacada pelo humanista (BIRNSTEIN, 2010, p. 70).

De acordo com Scheible:

Essa divisão em classes não era nenhuma exclusividade, nem mesmo novidade naquela época. As propostas de Melanchthon foram escritas como parte da visitação eclesiástica encomendada pelo soberano territorial, acompanhadas de um prefácio de Lutero; portanto tinham força de lei imperial para a Saxônia Eleitora, sendo por isso muito divulgadas. Na pesquisa, não raro são chamadas de “Regulamento Escolar da Saxônia Eleitora”, embora integrem um regulamento eclesiástico maior, chamado de “Instrução para os Visitadores. (SCHEIBLE, 2013, p. 69)⁷

A reforma escolar proposta por Melanchthon, tinha sido encomendada pelo soberano territorial, como parte da visitação eclesiástica, já que também as escolas estavam diretamente ligadas à igreja e ela tinha a força de lei imperial para a Saxônia Eleitoral. Desta forma, estas mudanças foram divulgadas em outros reinos, para os quais também Melanchthon era chamado para opinar, dar conselhos e até redigir documentos oficiais. Essa concepção de religião e formação não era apenas de Melanchthon, mas também ia ao encontro com as ideias de Lutero. Em 1524, por exemplo, Lutero publicara uma espécie de apelo em prol da educação: “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas” (LUTERO, 1994, 302-325).

Melanchthon não se preocupou somente com a distribuição dos temas nas três classes, mas também com a estrutura de estudos do dia. Ao invés de iniciar de manhã com um novo tema, Melanchthon entendia que era melhor iniciar com um novo tema a tarde. Sugere que pela manhã os alunos deviam repetir e aprofundar o que aprenderam no dia anterior, visto que no descanso noturno, as crianças conseguiriam assimilar melhor na memória o conteúdo da aprendizagem do dia anterior (BIRNSTEIN, 2010, p. 70).

Importante apontar que na Universidade de Wittenberg, Melanchthon implementou suas ideias reformadoras por iniciativa própria, enquanto que sua considerável influência sobre o sistema escolar surgiu indiretamente por meio de seus

compêndios e de sua “Instrução para os visitantes”. Ele só tomava iniciativa quando era incumbido de visitação ou ao ser solicitado. Este também foi o caso quando redigiu sua “Carta a uma honrável cidade visando à criação das escolas de latim”, impressa em 1543, em Bonn, quando lá esteve para dar orientações ao arcebispo de Colônia (SCHEIBLE, 2013, p. 44).

Fundação da Escola em Nürnberg

O professor e reformador Melanchthon colaborou também de forma definitiva na fundação de uma escola superior (*höhere Schule*), espécie de escola secundária, tendo em vista a preparação para a entrada na Universidade na cidade de Nürnberg. Com a Guerra dos Camponeses (1524-1525), Nürnberg também aderiu à reforma protestante, optando, assim, por mudar o seu sistema de ensino. O Conselho da cidade convidou Melanchthon para assumir a direção desta escola, mas o convite foi negado, visto que ele preferiu permanecer na Universidade de Wittenberg. Foi escolhido, então, seu amigo e colega Joachim Camerarius (professor de grego e literatura) em Wittenberg. Melanchthon e Camerarius viajaram para Nürnberg em novembro de 1525 para organizar a escola, cuja abertura solene aconteceu em 26 de maio de 1526. O discurso da inauguração foi proferido por Melanchthon, logicamente em latim, *Oratio in laudem novae scholae* - “Discurso em louvor da nova escola” (SCHWAB, 1997, p. 108-117). As suas palavras não são importantes somente para escola como também para toda a busca de excelência na educação, enfatizando, a necessidade de sempre de novo se voltar às fontes:

O que traz maiores benefícios aos humanos do que os antigos escritos? Nenhuma arte, nenhum ofício verdadeiro e nenhum produto agrícola, nem mesmo junto a Hercules, nem mesmo os frutos da terra, nem mesmo o sol que muitos consideram ser o criador da vida, é tão necessário do que o conhecimento das ciências, dos textos antigos. Porque sem lei, sem direito e sem piedade/religião, nem o estado, nem as comunidades, nem as associações humanas podem se manter, e as pessoas serão como animais selvagens, se a ciência perecer (...). (SCHWAB, 1997, p. 109).

Portanto, para Melanchthon, a construção da humanidade (*Menschlichkeit*) e da moralidade (*Sittlichkeit*) tem a ver com o processo educativo (SCHWAB, 1997, p.109). As disciplinas principais eram o latim em prosa e verso, grego, dialética, retórica e matemática. Por um tempo, também foi possível cursar o hebraico. Música e religião também estavam previstas no currículo proposto por Melanchthon para as escolas de latim, mas não constam no plano de curso para a escola recém-fundada. Talvez não tenham sido mencionadas por se considerar que faziam parte naturalmente do currículo. Além disso, Melanchthon ainda apresentou um parecer sobre a alteração das práticas

eclesiásticas para a cidade de Nürnberg que havia recentemente aderido à Reforma (SCHEIBLE, 2013, p. 47-49).

Outros textos de Melanchthon: Discurso sobre o sofrimento do professor (1533) e Discurso de louvor sobre a vida escolar (1536)

O texto de Melanchthon sobre o Discurso sobre sofrimento do professor (*De miseris paedagogorum oratio - 1533*) também se encontra em Schwab, 1997, p. 152-167, continua sendo bastante atual, visto que se refere a sobrecarga de trabalho dos professores, o salário baixo e a ingratidão dos alunos em relação a seus professores. Alguns alunos, afirmou, adquirem um pouco de conhecimento e já pensam que sabem muito. Muitas vezes também fazem chacota de seus professores. Os pais entendem que entregaram os seus filhos ao cuidado do professor e assim cumpriram o seu papel. Ao professor sempre é atribuída a responsabilidade pelos erros da educação da juventude. É interessante perceber que Melanchthon já no seu tempo percebe o quanto a profissão de professor e professora é mal interpretada e poucas vezes reconhecido.

Chama a atenção que para o professor Melanchthon a função de educar a juventude não era somente do professor, mas também da família e do Estado. Apesar das dificuldades na atuação do estar sendo professor, o humanista em seu discurso Discurso de louvor sobre a vida escolar (*De laude vitae scholastica oratio - 1536*) afirmou que não existe maior alegria do que a vida escolar, isto é, ensinar e aprender (SCHWAB, 1997, p. 176-181). O professor Melanchthon ainda afirmou, Schwab, 1997, p. 181: “Então se nós queremos cumprir a nossa tarefa, que é uma das mais difíceis, de forma justa, necessitamos, no mais alto grau, duramente, nos esforçar no ensinar”. Portanto, alegria, esforço e disciplina são elementos fundantes na arte de aprender e de ensinar.

Considerações finais

Felipe Melanchthon foi ativo na reforma educacional e universitária por mais de 40 anos norteando o desenvolvimento do sistema educacional na Alemanha. Redigiu estatutos, constituições de muitas escolas e universidades, adaptando-as as novas ideias, oriundas da reforma religiosa e do humanismo. Aconselhou governantes por toda a Europa, e escreveu muitos livros, gramáticas e manuais de ensino. Como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Wittenberg, sempre enfatizou o retorno às fontes, antigos escritos e o estudo das línguas (latim, hebraico e grego).

As influências no processo educacional incentivadas por Melanchthon, estão baseadas na Reforma e no Humanismo. Percebe-se o quanto fundamental foi a tutela que ele teve de Reuchlin, um dos maiores humanistas do norte da Europa. O Humanismo colaborou de forma decisiva no redirecionamento da Igreja Cristã ao retorno às suas fontes, às suas origens bíblicas. O retorno às fontes, princípio propagado pelo humanismo, tinha como objetivo apreender os valores morais e éticos difundidos pelos filósofos, buscando o melhoramento do ser humano e do mundo.

Felipe Melanchthon quando abraçou o movimento da reforma, assumiu a doutrina da justificação por graça e fé, um dos pilares doutrinários da Reforma. Procurou

definir uma teoria da educação baseada em princípios bíblicos (piedade, orações diárias, leitura de textos bíblicos) e o humanismo (leitura e valores difundidos pelos filósofos).

A partir de nosso entendimento, Melanchthon buscou integrar os princípios do humanismo com o movimento da reforma em uma teoria da educação. Lutero em suas 95 teses, deixa claro que "os cristãos devem ser ensinados". Portanto, a fé não é somente inspiração direta do Espírito Santo, como pensavam certos grupos (entusiastas), mas necessita ser ensinada e aprendida. O próprio Lutero enfatizava a necessidade da educação para se alcançar uma fé madura. O renascimento da fé cristã deve ser acompanhada do renascimento da aprendizagem. Os jovens que melhor irão contribuir para o Estado são aqueles que entenderam os objetivos mais elevados de suas vocações, pois devem aprender as virtudes das profissões escolhidas. A educação moral e intelectual estão conectados, e a piedade religiosa está ligada à responsabilidade cívica. Portanto, para Melanchthon a educação deve ser melhorada continuamente, num processo de aprendizagem contínuo, onde o ensino particular faz parte do todo, e como ele mesmo enfatizou em um dos seus textos: é necessário ter alegria no ensinar e no aprender, com esforço e dedicação.

Referências Bibliográficas

- BIRNSTEIN, Uwe. Der Humanist: was Philipp Melanchthon Europa lehrte. Berlin: Wichern, 2010.
- DORGERLOH, Stephan (Hg.). Melanchthon. *Das Magazin zu seinem 450. Todesjahr. Kirchenamt der Evangelischen Kirche in Deutschland und das Büro des Beauftragten der EKD in Wittenberg*. Frankfurt am Main: EKD, 2009.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento: 1990.
- EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- HAHN, Udo. *Der Mann neben Luther*. Philipp Melanchthon, Buchheister GmbH, Hamburg, 2010.
- JUNG, Martin H. *Philipp Melanchthon und seine Zeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.
- JUNG, Martin H. *Frömmigkeit und Theologie bei Philipp Melanchthon*. Das Gebet im Leben und in der Lehre des Reformators (Beitrag Zur Historischen Theologie) Tübingen: Mohr Siebeck, 1. Auflage, 1998 p.126-130.
- KUROPKA, Nicole. Bitte Aktualisieren! In: DORGERLOH, Stephan (Hg.), Melanchthon. *Das Magazin zu seinem 450. Todesjahr. Kirchenamt der Evangelischen Kirche in Deutschland und das Büro des Beauftragten der EKD in Wittenberg*. Frankfurt am Main: EKD, 2009, p. 64-67.
- LIVRO DE CONCÓRDIA. Confissão de Augsburg. In: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas SCHÜLER, Arnaldo. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 25-93.

- LIVRO DE CONCÓRDIA. Apologia da Confissão de Augsburg. In: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas SCHÜLER, Arnaldo. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 97-304.
- LUTERO, Martinho. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. v. 2, São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 306-311.
- LUTERO, Martinho. Instrução dos Visitadores aos Párocos. Das escolas. (Prefácios de Martin Lutero e o texto Instrução dos Visitadores aos Párocos de Felipe Melanchthon.) In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. v. 7, São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 306-311.
- LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. v. 5, São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1994, p. 302-325.
- LUTERO, Martinho. Uma Prédica para que Mandem os Filhos à Escola. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. V. 5, São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1994, p. 326-363.
- MELANCHTHON, Philipp – *Loci Communes*. In: http://www.glaubensstimme.de/doku.php?id=autoren:m:melanchthon:melanchthon-loci_communes. Acesso em 20 de novembro de 2015.
- MELANCHTHON.info. in: <http://www.ekd.de/melanchthon2010/>. Acesso em 20 de novembro de 2015.
- PHILIPP Melanchthon. In: <http://www.luther.de/themen/melanch.html>. Acesso em 20 de novembro de 2015.
- RIETH, Ricardo Willy. Filipe Melachthon (1497-1560), reformador e humanista: síntese de sua contribuição à educação. *Logos*, Canoas, v. 9. n.2, jul. /dez.1997, p. 38.
- RIETH, Ricardo Willy. O pensamento teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 3, 1997, p. 223-235.
- RHEIN, Stefan et al. *Philipp Melanchthon: Biographien zur Reformation*, Wittenberg, Drei Kastanien, 1998.
- RHEIN, Stefan. „Man meint, er wär ein Knab“. In: DORGERLOH, Stephan (Hg.). Melanchthon. Melanchthon: *Das Magazin zu seinem 450. Todesjahr. Kirchenamt der Evangelischen Kirche in Deutschland und das Büro des Beauftragten der EKD in Wittenberg*. Frankfurt am Main: EKD, 2009, p. 8-13.
- RHEIN, Stefan. “Catharina magistri Philippi Melanchtonis Ehelich weib” - ein Wittenberger Frauenschicksal der Reformationszeit. In: *Frauen Mischen Sich Ein. Wittenberger Sonntagsvorlesungen Evangelisches Predigerseminar*. Wittenberg: Drei Kastanien Rhein, 1995.
- RUPP, Horst F. Philipp Melanchton (1497-1560). *Perspectivas*: Revista trimestral de educación comparada, n.99. La función del personal docente en un mundo de transformación, vol. XXVI, n. 3, septiembre 1996, p. 659-669. Em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001065/106507sb.pdf#106506>. Acesso dia 27 de novembro de 2015.

- SCHWAB, Hans-Rüdiger. *Philipp Melancthon Der Lehrer Deutschlands: Eine biographisches* Lesbuch. München: Deutscher Taschenbuch, 1997.
- SCHEIBLE, Heinz. *Melancthon: Uma biografia*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2013
- SILVA, Fabrícia Carla de Albuquerque. *As concepções pedagógicas de Filipe Melancthon nas fermentações do século XVI*. (TCC – Pedagogia). Maceió, 2010.
- STUPPERICH, Robert. *Philipp Melancthon. Gelehrter und Politiker*. Göttingen: Muster-Schmidt, 1996.